

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MARIA EDUARDA VELOSO PEIXOTO

PSICANÁLISE E ARTE:

**Uma análise fílmica da série “Modern Love” e dos impasses existentes nas
relações amorosas.**

Maceió, Alagoas

2022

Maria Eduarda Veloso Peixoto

PSICANÁLISE E ARTE:

Uma análise fílmica da série “Modern Love” e dos impasses existentes nas relações amorosas.

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do Bacharel em Psicologia em 2022, pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador(a): Prof. Dr. Cleyton Sidney Andrade.

Maceió, Alagoas

2022

RESUMO

A psicanálise diz sobre o amor a partir de uma elaboração rigorosa e científica, que pode ser compreendido enquanto um sentimento ou rede complexa e singular que tenta condensar uma série de significações em um só lugar. O presente estudo teve por objetivo analisar a série “Modern Love” à luz da psicanálise e discutir sobre os impasses existentes nas relações amorosas. Foi realizada através da análise fílmica, em quatro etapas: observação e compreensão da obra fílmica, congelamento da imagem para transcrição da linguagem, análise analógica entre a linguagem e os processos psíquicos e condensação dos resultados. Ao longo da série é possível observar as múltiplas possibilidades do amor que não se fazem pela ordem romântica, mas sim pela ordem do desencontro e dos impasses.

Palavras-chave: Psicanálise, análise fílmica, relações amorosas, Modern Love.

ABSTRACT

Psychoanalysis says about love from a rigorous and scientific basis, which can be understood as a complex and singular feeling or network that tries to condense a series of meanings in one place. The present study aimed to analyze the series “Modern Love” in the light of psychoanalysis and to discuss the existing impasses in love relationships. It was carried out through film analysis, in four stages: observation and understanding of the film work, image freezing for language transcription, analogical analysis between language and psychic processes and condensation of the results. Throughout the series, it is possible to observe the multiple possibilities of love that are not made in the romantic order, but in the order of disagreement and impasses.

Key Words: Psychoanalysis, film analysis, love relationships, Modern Love.

1 INTRODUÇÃO

O saber e o conhecimento sobre as relações amorosas não são pautas exclusivas das ciências humanas e psicológicas, pois, assim como as ciências, as artes, os mitos e a religião também são grandes gerenciadores de comportamentos e relações. É com base nisso que o conceito de amor e as consequentes relações das quais ele emerge, atravessam as eras e os séculos. Segundo o texto de Maria Célia de Menezes, “O mito do amor romântico” de 2007, sempre existiu uma inquietação humana no que diz respeito ao amor e suas histórias, mas foi na Grécia Antiga, durante a chamada “Era Clássica”, que se encontrou um primeiro discursar sobre tal tema. Nessa época, o sentido de amar relacionava-se ao que está presente na natureza humana - cada um, busca a sua metade, ao encontrá-la, de dois faz-se um (MENEZES, 2007).

É nessa inquietação primeira e premissa clássica que se tem a base do mito do amor romântico que, por muitos séculos e através das mais diversas formas de disseminação, visou nos explicar e orientar diante dos acontecimentos da vida, construindo um mundo estruturante e com significado. Acrescidos a esse mito, o milagre do amor, o amor trágico, cortês e suas produções discursivas vão ganhando valor e legitimação na religião por promoverem um padrão amoroso extremamente atrativo que combina atração sexual, procriação e família em um só lugar (MENEZES, 2007), combinação essa de alta utilidade moral para a religião.

Durante os séculos seguintes, então, há uma transformação desse mito em um padrão de relações de prestígio cultural indiscutível, onde ele é condição de felicidade e realização pessoal. Por consequência, o mito do amor romântico foi instituído como um sentimento “universal” e “natural”, além de se apresentar como algo “incontrolável pela força da vontade” (COSTA, 1998). Foi com base em tal mito, portanto, que os homens, na relação com seus pares, construíram uma série de aparatos e dispositivos sociais, linguísticos e culturais para vivenciar o amor. Entretanto, essa máxima que se inicia na procura pela “outra metade” culmina intrinsecamente em demandas múltiplas e variáveis e que, por isso, nunca se satisfazem. Portanto, também se mostra ser “universal” e “natural” que, qualquer imprecisão, dentro do campo dessas demandas, pode se transformar rapidamente em ódio, sofrimento e adoecimento (FERREIRA, 2004).

É com base nisso que Sigmund Freud, herdando as problemáticas do século XIX, reúne em 1920 os seus escritos sobre as pulsões sob o nome insinuante de “Eros” (o deus do amor, na mitologia grega) e retoma a discussão desses temas já *sobredeterminados*, tratando, então, das condições inconscientes da vida amorosa. É diante o crescimento da psicanálise freudiana e na grande maioria dos escritos psicanalíticos que o amor e as relações amorosas aparecem como uma questão primordial em torno da subjetividade humana. Aqui, Freud provoca um rompimento no mito do amor romântico na medida em que o expõe enquanto hipocrisia e sujeição sexual, mas é onde também fala de um sujeito que, articulado pela sua natureza pulsional, se constitui, adocece e até mesmo se cura através do amor.

É fundamentado justamente nesse mito do amor romântico e nas suas produções científicas, literárias e artísticas, que a psicanálise expõe o seu caráter de coisa construída e sustentada através do consentimento comum (FERREIRA, 2004). A psicanálise diz de um objeto de amor inacessível, incompleto ou perdido, em que, no lugar desse objeto é posto um vazio, uma falta. Com isso, por ser intrínseco da natureza pulsional do sujeito, ele estará constantemente a procura de um desejo que, em sua essência, é desejo de nada (MENEZES, 2007). Assim sendo, esse desejo essencialmente vazio das relações amorosas revela seus dilemas e empecilhos, se perpetua em seus relatos e, portanto, se manifesta nessas mesmas produções de saber do mito do amor romântico, construídas até os dias atuais.

Diante dessa articulação e a partir do interesse em discutir sobre esses impasses das relações amorosas, a pergunta de pesquisa deste estudo é: produções artísticas atuais, como a série norte-americana “Modern Love”, podem ilustrar e contribuir social e cientificamente para a discussão desses impasses nas relações amorosas? Com base nessa pergunta, o interesse da presente pesquisa é ampliar o estudo do tema “amor”, em sua profundidade e magnitude. Ela se faz importante na medida em há uma carência nas produções artísticas, sociais e até mesmo científicas que tenham como objetivo discutir e discorrer sobre um sujeito em uma eterna busca pela completude e suas relações amorosas, a partir da apresentação dessas barreiras que lhe são próprias. Dessa forma, essa pesquisa tem por principal objetivo analisar e discutir, através de uma análise fílmica psicanalítica, a incompletude própria das relações amorosas e como isso é retratado na série “Modern Love”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para pensar o Mito do Amor Romântico é preciso regressar à era dos filósofos clássicos onde Platão, em seu livro “O Banquete”, narra sobre como os seres humanos na antiguidade eram seres fortes e de múltiplos sexos que causavam inveja aos deuses. No livro, por causa da inveja e na tentativa de enfraquecer esses seres humanos, Zeus (uma das divindades mais poderosas da mitologia grega) corta-os na metade e os separa pelo planeta. Com isso, segundo Maria Célia de Menezes, em seu texto “Mito do Amor Romântico” escrito em 2007, a premissa do amor na Grécia Antiga, então, associou-se à

ideia de que somente aqueles que procuram a metade do próprio corpo, amam, e juntando essas partes, aumenta-se a possibilidade de realização pessoal e felicidade.

Dessa forma, a filosofia grega cresce enquanto assídua produtora de saberes sobre o amor. Nela, segundo Alain Badiou e Nicolas Truong no livro “Elogio ao Amor” de 2013, existem escritos “antiamor” como os de Arthur Schopenhauer que expõe o amor enquanto extravagância natural feminina e existe a vertente filosófica que afirma o amor como um dos estágios supremos da experiência humana e subjetiva. O conceito do amor cresce, então, enquanto um encontro de corpos que promove uma ligação simbólica e afetiva, mas que, segundo Jurandir Freire Costa em seu estudo sobre o ideal de amor de 1998, também está vinculado a um credo de altíssimo prestígio cultural e “ato de fé”, visto que, aproxima-se do impulso religioso na medida em que vincula-se a um ato realizado pelos deuses e a tendência consequente do sujeito acreditar que o encontro com o objeto ideal “roubado” o concederá felicidade e afetos positivos durante toda a sua vida.

Segundo essa premissa, de acordo com Maria Célia de Menezes, esse padrão de amor deve combinar atração sexual, procriação e família em um só relacionamento e, portanto, com o passar dos séculos, o casamento heterossexual é concebido como aquilo que orienta o afeto amoroso verdadeiro para a sua completude essencial. Com isso, o sujeito deixa se conduzir pelo discurso social construído, pela ideia de completude e aliena-se diante da praticidade dos modos ditados de vivenciar a experiência amorosa, que ganham força na religião, nos mitos e em todas as suas formas de produção simbólica. É justamente a partir disso que, ao longo dos séculos, o mito do amor romântico, através dos mais diversos formatos religiosos, místicos e artísticos, ganhará força enquanto fenômeno social.

Dessa forma, segundo Vergas Vitória Andrade em seu texto “O imaginário romântico: modos de amar e sofrer” de 2009, denomina o amor como significação imaginária social e afirma que ele constitui um credo amoroso dominante no Ocidente. Em seus estudos, a autora expõe o caráter de coisa construída e sustentada pelo senso comum do mito do amor romântico. Esse senso comum encontra bases fortalecedoras nos mais diversos modos de propagação social e cultural do mito do amor romântico, o

que o institui como um sentimento “universal” e “natural”, incontornável pela força da vontade, segundo os estudos de Jurandir Freire Costa, de 1998.

Sobre esses potentes modos de propagação, encontra-se, em algumas extrações dos ditos e escritos de Sigmund Freud (1996), uma ênfase na linguagem artística como uma possível via de transmissão de saber, podendo ser útil, inclusive, nas formações acadêmicas. Portanto, foi pensando na possível influência das artes que Perinelli Neto (2016) discorreu que, desde a invenção do cinema, em 1895, os filmes imprimem uma forma de “transformar o mundo em discurso”, assegurando-se como um dos sistemas mais eficientes para a elaboração de um imaginário social e de transmissão de significados. Com isso, é possível afirmar que, associando-se com a sensibilidade e o imaginário, o cinema aparece como uma estratégia de promoção de repertórios e modelos, ou seja, um exemplo ilustrativo de um universo simbólico.

É pensando o cinema enquanto produtor de novas potencialidades e atuando na construção de novos meios de subjetividade (DUARTE & CARLESSO, 2019), que é possível conceituá-lo enquanto um sistema múltiplo capaz de selecionar objetos, atribuir juízos de valor, através dos aparatos socioculturais, e determinar modos de existência, comportamentos e até mesmo relações interpessoais. É tocando nesse ponto que Rosângela Fachel de Medeiros apresenta, em seu texto “O Cinema enquanto polissistema: a Teoria do Polissistema como ferramenta para análise fílmica” (2009), a problemática do cinema atual:

São as elites culturais (conservadoras ou inovadoras) através de suas pautas culturais (sofisticação e excentricidade ou simplicidade e conformismo) que determinam a canonização do repertório. (...) É no interior do polissistema hollywoodiano que os repertórios são canonizados, transformando-se em padrões universais que se propagam graças ao seu poder econômico, à sua grande abrangência (distribuição) e ao seu prestígio.

Com base nesse viés, o método da análise fílmica psicanalítica permite uma compreensão de uma obra cinematográfica a partir de uma análise dos ditos dos personagens e de suas relações, propondo analogias entre o retratado e os processos subjetivos que os constituem. É com base nisso que Sigmund Freud, ainda segundo extrações de seus escritos entre 1919 e 1996, afirma que para a transmissão eficiente do saber psicanalítico é preciso

analisar também outros formatos de produção de repertórios e recursos simbólicos.

Para pensar a perspectiva do amor em psicanálise, Freud também faz uso de outros recursos simbólicos como os mitos gregos e a poesia. Em sua primeira contribuição para a psicologia da vida amora, em 1910, Freud discorre sobre como os poetas possuem a sensibilidade de perceber as moções psíquicas ocultas dos sujeitos e a corajosa habilidade de deixar o próprio inconsciente falar sobre a temática do amor. Porém, segundo o texto de Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares, “Amor, Sexualidade, Feminilidade”, de 2020, foi justamente na vasta literatura sobre o amor (poesias, romances, tratados teóricos e filosóficos) que podíamos presenciar as contradições, impasses e proliferação de discursos sobre ele que se debruça em problemáticas.

A problemática acontece quando, segundo Nadiá Ferreira em seu livro “A Teoria do Amor” de 2004, na literatura ocidental do século XII o discurso sobre o amor se associa a dor, sofrimento ou uma promessa de felicidade nunca alcançada ou conhecida. Dessa forma, a falha do mito do amor romântico se expõe na medida em que a plenitude se mostra inalcançável, pois, o amor é, de alguma forma, proibido. Segundo Nadiá Ferreira, a estratégia do mito do amor romântico é:

A conversão do impossível em interdição a fim de que seja mantida a promessa felicidade. Aliás, esse mito permanece vivo até hoje. A melhor prova dessa sobrevivência é o alto índice de audiência das telenovelas, que reproduzem a tradição romanesca do folhetim: lágrimas, peripécias e final feliz.

Por isso, o conceito de amor se transformou e transformou indivíduos, formações familiares e convenções sociais, entretanto, permanece revelando suas falhas, impossibilidades e inexistências. Consequentemente, ainda com base no texto de Iannini e Tavares, enquanto cientistas, clérigos e revolucionários sociais disputavam o disciplinamento das subjetividades e dos corpos, Freud fornece provas sobre a natureza construída e sobredeterminada dos fenômenos e rompe com a moral sexual civilizada da burguesia do século XIX que, devido ao apego às regras morais e convenções religiosas, não se mostra muito contente com as ideias psicanalíticas.

Tais ideias consistem na articulação freudiana entre amor e sexualidade, que configuram o centro das revelações teóricas de Freud. Com base no texto de Tiago Ravello em coautoria com Marisa de Costa Martinez, “Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana”, de 2013, é possível entender a teoria freudiana como aquela que defende a sexualidade tendo lugar central na vivência subjetiva e pensa o campo amoroso enquanto fenômeno que engloba os conceitos da sexualidade - libido, afeto e pulsão –, bem como, suas relações.

Para pensar o amor na teoria freudiana, porém, é preciso lembrar a matriz clínica do estudo de Freud que confere a ele uma ampla possibilidade de leitura sobre o fenômeno amoroso. Para isso, em seus escritos de contribuições à psicologia do amor – “Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens”, “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” e “O tabu da virgindade” – e em todo o seu estudo sobre a experiência subjetiva humana, Freud discorre sobre como a experiência clínica psicanalítica está implicada ao amor. De forma ampla, então, o amor na teoria freudiana pode ser pensado a partir de duas estruturações: a repetição e a pulsão.

Para pensar a repetição é necessário, segundo Jacques-Alain Miller em seu texto de 2010 - “O amor entre repetição e invenção” -, revisitar o Édipo freudiano e compreender que quando se ama, se repete, pois todo objeto de amor é apenas um substituto sintomático de um objeto original interditado. Já pensando o amor sob a estruturação pulsional, é preciso entender a natureza do sujeito que é regido inconscientemente pelo Princípio do Prazer onde, com base em Maria Célia de Menezes, se está sempre em busca de um desejo que em sua essência é desejo de nada. Dessa forma, segundo a teoria freudiana, amar é, em si, a repetida busca do todo e, por isso, expõe o desejo faltante.

É herdando esse jogo clínico de pulsão-repetição freudiano, que Jacques Lacan afirma em seu Seminário 1 que não existem distinções essenciais entre a transferência e o amor. Ele afirma que a transferência, ao estar diretamente relacionada as pulsões sexuais fixas em representações infantis recalcadas que conduzem o sujeito a fantasias que se deslocam, tem o amor como resultado desse deslocamento. Além de tal afirmação, para tratar

do amor, segundo Nadiá Ferreira, Alain Badiou e Nicolas Truong, Lacan também discorre sobre a realidade e a aponta como narcísica e sexual.

Essas características da realidade com base nos escritos lacanianos, dizem sobre como cada sujeito está voltado para o seu próprio gozo e como é apenas com base na linguagem que se pode pensar e falar sobre o sexual. Dessa forma, segundo Badiou e Truong, Lacan afirma que o vínculo amoroso está ligado ao imaginário, por isso:

A Não há, portanto, relação sexual, conclui Lacan (...) Se não existe relação sexual na sexualidade, é o amor que vem suprir a falta de relação sexual. Lacan não diz, de maneira nenhuma, que o amor é um disfarce da relação sexual. O que diz é que não existe relação sexual e que o amor é aquilo que surge no lugar dessa não-relação.

Dessa forma, Lacan introduz na relação amorosa um outro elemento: o nada. Para pensar sobre isso, tem-se novamente como base o texto de Jacques-Alain Miller que analisa os escritos lacanianos com base naquilo que permanece nos trilhos freudianos sobre o amor, mas o propõe como invenção e elaboração de saber. Segundo Miller, Lacan afirma que, na transferência, o que o sujeito tem para oferecer é uma falta, “pois é com essa falta que ele ama” (LACAN, 2005, p.122), portanto, a relação amorosa o obriga a reconhecer um impasse.

O impasse surge na medida em que, segundo Miller, Lacan expõe a linguagem como estruturante do inconsciente e conseqüentemente da sexualidade e do fenômeno amoroso, entretanto, ele também coloca a linguagem como estrutura incompleta como tal. Ou seja, a linguagem como sendo aquilo que simboliza o fenômeno amoroso é, por si só, faltante e, portanto, faz-se necessário a invenção para cobrir o vazio dessa falta. Com isso, segundo Nadiá Ferreira, Lacan aponta o fenômeno do amor sob a forma de impossível na medida em que, sob a premissa de encadeamento de significantes, retoma a importância da análise da linguagem na clínica, vincula o campo amoroso ao entrelaçamento dos registros do Real, Simbólico e Imaginário e expõe o amor enquanto aquilo que revela o que deveria, na verdade, esconder: o Real.

Portanto, enquanto Freud diz sobre o amor como repetição, mostrando que a forma mais primária do amor é a identificação e discorrendo sobre a procura infinita no Outro, Lacan faz uma leitura do amor enquanto fenômeno

simbólico, estruturante e que envolve invenções. Ele mostra em seus escritos que o movimento primário da linguagem é enlaçar o outro endereçando uma demanda de reconhecimento na relação a dois, portanto, é possível afirmar que, no momento em que somos forjados enquanto sujeito, somos enlaçados numa demanda. É justamente a partir dessa demanda, então, que o sujeito inventa uma rede de significações complexa e singular para dar um nome ao vazio que vem do Outro significante, ou seja, o amor é o que aprendemos a nomear como amor.

Diante disso, a questão do amor se mostra primordial na subjetividade humana, já que, segundo Lacan, o processo de humanização do sujeito, que tem como estruturação psíquica o Simbólico (a palavra, a lei), o Imaginário (o sentido e as imagens) e o Real (o impossível), possui como fundamental o reconhecimento do Outro para se fazer. É também sobre isso que se centra a questão do amor, na polissemia estruturante que confere o amor a posição de fenômeno que deve ser pensado em suas relações e produções significantes.

Por fim, é entendendo o Simbólico, segundo os escritos lacanianos, enquanto um sistema de representações baseados na linguagem que opera como lei e que tem como função ordenar um modo de funcionamento para organizar relações, que se torna possível compreender e analisar a dimensão inconsciente das produções cinematográficas. Portanto, com base no texto “Psicanálise e cinema: aplicação da análise fílmica para a aprendizagem do conceito de inconsciente” de Elizabeth Teodoro e outros autores, de 2021, utilizar o cinema como objeto de estudo da psicanálise implica concebê-lo também estruturado como uma linguagem. Dessa forma:

Em um filme, o sujeito falante não é autor, narrador ou um personagem. Por esse motivo, não o interpretamos. Em um filme, o sujeito falante é um lugar faltante, a partir do qual o espectador pode produzir um discurso próprio.

Com isso, uma representação cinematográfica, através da análise fílmica que permite o estudo e a consequente construção de um próprio discurso embasado a luz da psicanálise, pode retratar o fenômeno do amor nas suas mais diversas possibilidades e, assim, revelar também os seus mais diversos impasses.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho busca compreender o fenômeno do amor e das relações amorosas em sua totalidade, portanto, trata-se de uma pesquisa explicativa que, através de uma análise fílmica psicanalítica da série “Modern Love”, observa relações, interpreta e compreende o outro, tendo como base um vasto recurso simbólico (GIL, 2008, p.28) e, para isso, é necessário ir além do cinematográfico. Isso se faz possível, com a proposta metodológica da análise fílmica, através de um processo de recorte de cenas em que, segundo Weinmann (2017), necessita compreender a obra à luz de seu autor, realizando leituras do texto fílmico e detectando e interpretando sua mensagem, considerando as especificidades linguísticas e psicológicas do que foi abordado em determinado recorte.

Dessa forma, é possível fazer analogias entre a linguagem do cinema e os processos psíquicos, como o amor, e permanecer dentro dos domínios da psicanálise aplicada, operando como um saber transcendente. A análise fílmica, então, se correlaciona com a análise do discurso, na qual o pesquisador, que precisa assistir a série por diversas vezes e observar atentamente os detalhes não percebidos anteriormente, articula os elementos e atribui juízo de valor. Por isso, a análise não é baseada em primeiras impressões (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2008; LEITE et al., 2012).

Também, para melhor compreender a temática em questão, optou-se pela pesquisa qualitativa à luz da psicanálise que, de acordo com Flick (2013), permite uma análise detalhada e contextualizada dos aspectos que constituem a pergunta de pesquisa sem ter o intuito de generalizar os dados do estudo. Com isso, o artigo apresenta essa metodologia de caráter qualitativa com base em técnicas de observação e análise indireta de filmes, séries ou qualquer expressão visual. A análise fílmica aparece como um método de pesquisa na medida em que descreve e decompõe a série em busca de compreender as relações entre os elementos decompostos, ou seja, interpretá-los (VANOYE, 1994).

A primeira etapa da construção da pesquisa consistiu, então, em uma coleta de dados a partir da observação repetida e constante da série “Modern Love”. Os dados coletados permitiram explorar temáticas que revelam os impasses das relações de amor, como por exemplo: traições, a necessidade ou

escassez do amor, as figuras parentais, o tempo cronológico e suas mudanças, entre outras. Em uma segunda etapa, esses dados foram compilados, consolidados e analisados com base na literatura científica. Para isso, foram selecionados artigos científicos, livros e cartilhas nos idiomas português e inglês, nas plataformas Scielo, Portal CAPES e Google Acadêmico. Optou-se por essas bases de dados porque representam uma das principais fontes de produções científicas na área da Psicologia e foram utilizados os descritores “Psicanálise”, “Amor”, “Relações amorosas” e “Análise fílmica” nos três bancos de dados escolhidos para este estudo.

Considerando os escritos de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Jacques-Alain Miller e Nadiá Ferreira foram utilizados textos como “Observações sobre o amor transferencial” (1915), “Contribuições à psicologia do amor I, II e III” (1910-1918), “O amor entre a repetição e invenção” (2010) e livros como “A teoria do amor na psicanálise” (2004) e “Seminário 20” (1972-1973) para destacar conceitos, complexos e estruturas, bem como, explicitar as vivências amorosas de acordo com a psicanálise. Dessa forma, a busca bibliográfica desta pesquisa seguiu o contexto dos descritores psicanalíticos e como critérios de inclusão foram utilizados textos capazes de traçar o processo formador, bem como, capacitador do amor e do movimento das relações amorosas. O levantamento bibliográfico foi realizado durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2022 e incluiu conceitos auxiliares como: sujeito, pulsões, aparelho psíquico, consciente, objeto, formações do inconsciente, falta, amor, relações, significante, real, simbólico, imaginário.

Considerando também o material cinematográfico da série “Modern Love”, pode-se classificá-la nos gêneros comédia dramática e romance. A série foi criada, dirigida e escrita majoritariamente por John Carney, em 2019 e conta com diversos outros nomes em sua produção, como Emmy Rossum, Sharon Horgan e Tom Hall. Ela é produzida pelo Storied Media Group, Picrow e Amazon Studios e reproduzida atualmente pela rede de streaming Amazon Prime Video. Atualmente, se encontra em sua segunda temporada que conta com 8 episódios de até 35 minutos cada um e conta com um elenco de peso em sua produção, com nomes como: Anne Hathaway, Tina Fey, Dev Patel, Kit Harington e muitos outros atores e atrizes.

No Rotten Tomatoes (website americano responsável por criticar produções televisivas e cinematográficas), a série tem uma pontuação média de 6.63/10 e já ganhou prêmios como o Emmy Awards na categoria de “Melhor ator convidado em série de comédia”, conferido ao ator Dev Patel. A trama da série é inspirada por uma série de relatos pessoais reais publicados em uma coluna do famoso jornal “The New York Times”. Cada episódio, então, é baseado em acontecimentos de um relato da coluna, o que confere à série uma singularidade de relatos especialmente interessantes.

Em cada episódio, podemos nos deparar com as mais variadas expressões das relações de amor, bem como, os seus impasses e impossibilidades. A partir disso, foram escolhidos 6 recortes das mais diversas cenas do compilado cinematográfico que, acrescidos aos materiais previamente citados, foram fundamentais para análise das condutas, subjetividades e relações construídas dos mais amplos personagens e o desenrolar de suas histórias de afeto.

4 RESULTADOS

A partir dos recortes das cenas e com base no rigor teórico metodológico da técnica de recortes das imagens para a transcrição da linguagem (WEINMANN, 2007), mostra-se possível congelar as imagens, transcrever a linguagem e, por fim, dialogar o retratado com os processos psíquicos, em especial, as relações de amor. A partir disso e levando em conta a observação acerca dos impasses das relações amorosas, foram destacadas 6 cenas em que é possível perceber o caráter imaginário do amor romântico e a dissolução das estratégias construídas para fazer acontecer esse encontro com o outro.

Logo no primeiro episódio da série “Modern Love”, vamos nos deparar com a busca incessante por um outro amoroso que, ilusoriamente, nos completa e nos livra da solidão. O episódio nos descreve, no entanto, diversos desencontros amorosos e a transferência de afeto para um filho (“Mas você não está mais sozinha” – T1E1, 16min06s). Num outro episódio de destaque, nota-se com clareza os inúmeros impasses nas relações amorosas e todo o sofrimento causado por eles. Nesse caso, as decepções são tantas que o

relato sobre o amor se encontra justamente na relação que não se faz (“Apenas pensar em você já me ajudou a superar muita coisa na vida. Só por saber que você existia, sabe?” - T1E2, 22min55s), diferentemente dos relatos criados no mito do amor romântico.

Em um outro episódio de destaque, encontramos as descrições de como as mudanças do tempo cronológico também podem revelar o impasse das relações. O episódio expõe como as mudanças frente ao tempo, bem como, as diversas posições do sujeito frente ao desejo podem revelar a fragilidade do encontro amoroso e transformar toda configuração de um relacionamento (“Acho que você sempre me afastou da sua vida” – T1E4, 21min28s). Já em outros dois episódios, é possível fazer uma análise das relações amorosas dentro de uma estrutura clínica neurótica, a histeria. No 5º episódio da primeira temporada da série, podemos observar a expressão típica do amor histérico que se encontra dentro de uma dialética de reconhecimento, numa busca infinita no outro (“Por que essa necessidade de fazer estranhos se apaixonarem por mim?” – T1E5, 23min11s).

Já no 6º episódio dessa mesma temporada, é possível analisar um outro modo do amor na histeria, onde a figura paterna é peça fundamental. Nesse episódio, a quebra do amor romântico acontece na medida em que o amor se trata do desejo ao pai e expõe o quanto a falta desse afeto implica no modo de amar da personagem (“Não sei como é ter um homem apenas cuidando de você” – T1E6, 23min39s). Por fim, o último episódio de destaque expõe o impasse do amor romântico no tocante às traições (“Às vezes, fazemos acusações que queremos que a pessoa negue. E aí, ela não nega” – T2E6, 04min54s). Nesse recorte, a quebra do amor romântico, além de tocar na temática da traição, também ilustra um paradoxo: quando ambos os personagens encontram a solução do sofrimento causado pelo amor, no próprio amor.

Quadro 1. Quebra do Mito do Amor Romântico na série “Modern Love”.

TEMPORADA	EPISÓDIO	TEMÁTICA	Quebra do “Amor romântico”
1	1 – “Quando o	A busca pela	Completude que

	porteiro é seu melhor homem”	completude	não vem de um parceiro amoroso, mas sim de uma transferência para o filho
1	2 – “Quando o cupido é uma jornalista curiosa” - muito bom para generalizar as falhas	O amor que dá certo, mas não permanece	O encontro que acontece com outras finalidades além da permanência
1	4 – “Renovando para manter o jogo vivo”	As mudanças frente ao tempo	As diversas posições do sujeito frente ao desejo que alteram a configuração do relacionamento
1	5 – “No hospital, um interlúdio de clareza”	O narcisismo	Quando amar é, antes de tudo, querer ser amado
1	6 – “Então ele parecia um pai e era só um jantar, não é?”	A figura paterna no amor	O desejo ao pai e sua implicação nas relações amorosas
2	6 – “Na sala de espera de cônjuges separados”	Traições	A dificuldade de aceitar a falha de um amor

Fonte: elaboração própria.

Se tratando de uma pesquisa qualitativa e explicativa, a discussão se dá através de recortes cinematográficos e traz a perspectiva da análise fílmica, que permite uma escrita dinâmica de um estudo psicanalítico sobre o campo amoroso que busca expor o diálogo comum entre os episódios expostos nos resultados.

5 DISCUSSÃO

No decorrer dos episódios da série “Modern Love”, vamos nos deparar com inúmeras manifestações do fenômeno amoroso e com elas, como exibido no quadro “Quebra do Mito do Amor Romântico na série ‘Modern Love’”, podemos perceber os mais variados impasses, adversidades e até mesmo impossibilidades do encontro amoroso. É possível perceber situações nas quais o sujeito busca incessantemente pela completude, muda constantemente de posição frente ao desejo, clama pelo reconhecimento do outro, se confunde com relação ao seu objeto de amor ou até mesmo busca no dito “encontro amoroso” a solução para um sofrimento causado pelo próprio amor. Entretanto, apesar de sua ampla representação cinematográfica, todos os episódios revelam o mesmo ponto: o desencontro.

É possível perceber que todos os personagens, como todo e qualquer sujeito, estão às voltas da eterna realização de seus desejos, desejos esses que buscam a completude. Porém, postulando a famosa frase “a relação sexual não existe”, Lacan afirma que a premissa da completude é apenas uma sustentação da fantasia amorosa de completude. Para explicar, ele discorre em seus escritos sobre o movimento narcísico de reconhecimento das crianças de 2 a 3 anos que, ao se colocarem como um objeto que complementaria a falta da mãe, se deparam com uma demanda inesgotável, já que seus pais estão constantemente demandando outras coisas. Esse processo, que é a força motora do desenvolvimento infantil, insere o sujeito na linguagem e faz com que ele esteja sempre retornando a esse desejo do Outro.

Com isso, nenhuma realização de desejo pode levar o sujeito à plena felicidade e essa não realização se repete nas vivências do campo amoroso, já que ele se fundamenta em demandas múltiplas e que nunca se satisfazem (FERREIRA, 2004). Dessa forma, tendo o amor no campo do registro do

inconsciente no qual o sujeito deseja ser reconhecido e amado pelo outro, é possível afirmar que os encontros amorosos estão em constante ressignificação, ou seja, eles se afirmam mais como desencontros. Por isso, sustentar o ideal do amor romântico e entender o amor enquanto uma premissa “natural e comum”, no qual o encontro dos corpos deve se completar e conferir “felicidade plena”, faz parte de um sintoma cultural construído e instituído como verdade e que tem como função sustentar práticas sociais.

Os episódios da série nos provam que, mesmo em relações saudáveis e duradouras, sempre existirá algum desencaixe, desentendimento e desencontros que expõem o caráter fundante da incompletude humana. Essa falta jamais poderá ser preenchida pois é justamente ela que constitui nosso aparelho psíquico, nos inclui na linguagem e nos configura enquanto sujeitos. Na relação amorosa, o sujeito oferece, então, a única coisa que ele tem, a falta, “pois é com essa falta que ele ama” (LACAN, 2005, p.122), por isso, amar coloca em cena aquilo que temos de mais fundamental, o desencontro.

6 CONCLUSÃO

Considerando o problema e o objetivo da presente pesquisa, esse estudo nos possibilitou, através da análise fílmica psicanalítica, analisar e demonstrar como obras cinematográficas, como a série “Modern Love”, bem como, outras formas de produção de saberes podem ilustrar subjetividades e ampliar debates e discussões no âmbito social e científico, dentre eles o debate acerca do campo e do fenômeno do amor.

Este trabalho, então, nos permitiu discutir sobre a criação e instituição do imaginário do amor romântico e como essa instituição imaginária possui impactos nas produções artísticas, fazendo com que o amor se tornasse uma das fontes de felicidade mais completas para o ser humano. Ao analisar a necessidade básica do ser humano de satisfazer seu desejo e a praticidade que o mito do amor romântico nos confere no tocante às orientações das vivências, nos deparamos, porém, com o encontro amoroso que, em sua premissa mais básica, nos aliena numa busca incessante pela completude, pela demanda de um outro que nunca se satisfaz.

Entretanto, como podemos ter coragem para amar se o amor, que surge na relação com o outro do desejo e é condição para existir no mundo, está diretamente ligado àquilo que jamais poderá ser atingido e pode causar tamanho sofrimento? Para responder essa pergunta, nos agarraremos além da necessidade de ser amado, como disse Lacan em “amar é querer ser amado”, mas sim na alienação. O amor, em seu paradoxo, é aquilo que tapa a falta e se aliena aos impasses, por isso, na relação, não é possível fazer outra coisa senão ir atrás do desencontro.

7 REFERÊNCIAS

BADIOU, A; TRUONG, N. **Elogio ao amor**. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: um estudo sobre o ideal de amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DUARTE, I. T.; CARLESSO, J. P. P. Psychoanalysis, cinema and subjectivity: how seventh art interferes in the construction and reconstruction of subjectivity. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 4, p. e2384820, 2019.

FERREIRA, Nadia. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREUD, Sigmund. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** (contribuições para psicologia do amor I). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor** (contribuições para psicologia do amor II). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O tabu da virgindade** (contribuições para a psicologia do amor III). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LEMO, A. P. S.; ROCKENBACH, A. L.; GERHARDT, C.; SILVEIRA, G. B. da; LEAL, T. G.; LAGUNA, T. F. dos S.; CARLESSO, J. P. P. Film Analysis: Obsessive compulsive disorder and bipolarity in the characters of the movie Silver Lining Playbook. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, p. e37963420, 2020.

MEDEIROS, R. F. O cinema enquanto polissistema: a teoria do polissistema como ferramenta para análise fílmica. **Em Questão**, v. 15, n. 2, p. 95-113, 2009.

MENEZES, Maria Célia de. O Mito do Amor Romântico. **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 559-572, jun. 2008.

RAVANELLO, Tiago; MARTINEZ, Marisa de Costa. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 159-183, dez. 2013.

TEODORO, Elizabeth Fátima et al. Psicanálise e cinema: aplicação da análise fílmica para a aprendizagem do conceito de inconsciente. **Psicologia USP [online]**, v. 32, e180141, jul. 2021.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad. Marina Appenzeller. 5 ed. Campinas: Papirus, 2008.

WEINMANN, A. de O. Sobre a Análise Fílmica Psicanalítica. **Revista Subjetividades**, v. 17, n. 1, p. 1–11, 2017.